

Lições da (in)comum família de Nazaré: uma reflexão em resposta à interpelação do Sínodo da Família¹

Lessons from the (un)common family of Nazareth: a reflection in response to the interpellation of the Synod of the Family

Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Resumo

Esse artigo se constitui numa reflexão em resposta à interpelação do Sínodo da Família convocado pelo Papa Francisco e aberto em outubro de 2014. Apoiada em metodologia bibliográfica exploratória, propõe, num primeiro momento, um olhar para a família de Nazaré, ressaltando elementos que fazem da Sagrada Família uma inspiração para encontrar as respostas para os desafios que a família tem enfrentado no mundo contemporâneo. Num segundo momento, apresenta um comentário sobre a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, documento promulgado em março de 2016 e que representa um novo olhar da Igreja sobre a realidade das famílias e do matrimônio, olhar marcado pela alegria e pelo espírito de misericórdia que tem sido a tônica do pontificado de Francisco.

¹ Esse artigo é fruto de assessoria oferecida para as Comunidades de Vida Cristã (CVX), Regional São Paulo. Iniciativa que se coordenou com o esforço empreendido pela Igreja em refletir sobre o tema da Família. A CVX, associação de comunidades leigas de espiritualidade inaciana, em sua última Assembleia Mundial realizada em Beirute (Líbano), em 2013, sob o tema “Das nossas raízes às fronteiras”, identificou como prioridades de missão “quatro fronteiras”, sendo a família uma delas. Contamos, para essa reflexão, com a valorosa contribuição de Maria do Carmo Pessanha Moreira, coordenadora da Comunidade CVXavier, pertencente ao Regional São Paulo. A pesquisa inicial apresentada nesse encontro foi posteriormente aprofundada contando com a referência da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (AL) publicada posteriormente. Cf. FRANCISCO, PP. “*Amoris Laetitia*. Sobre o amor na família”. Cidade do Vaticano: 18/03/2016. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em 29 de setembro de 2016.

Palavras-chaves: Família de Nazaré. Amores Laetitia. Papa Francisco. Sínodo da Família.

Abstract

This article is constituted by a reflection over the interpellation of the Synod of the Family summoned by Pope Francis and opened in October 2014. Based on an exploratory bibliographic method, it proposes, at first, an overlook at the Nazareth family, highlighting the elements that make the Sacred Family an inspiration to find answers for the challenges of the families in the contemporary world. Secondly, we present a commentary on the Post-synodal Apostolic Exhortation *Amoris Laetitia*, promulgated in March 2016, which represents a new perspective of the church over the reality of families and marriage. This new perspective is distinctive by its joy and the spirit of mercy that has permeated Francisco's pontificate.

Keywords: Nazareth family. *Amores Laetitia*. Pope Francis. Synod of the Family.

Introdução

Desce já a noite sobre a nossa assembleia. É a hora em que de bom grado se regressa a casa para se reunir à mesma mesa na consistência dos afetos, do bem feito e recebido, dos encontros que abram o coração e o fazem crescer, vinho bom que antecipa, nos dias do homem, a festa sem ocaso. Mas é também a hora mais pesada para quem se vê cara a cara com a própria solidão, no crepúsculo *amargo de sonhos e projetos* desfeitos. Quantas pessoas arrastam os seus dias ao beco sem saída da resignação, do abandono, ou até do rancor! Em quantas casas faltam o vinho da alegria e, conseqüentemente, o sabor – a própria sabedoria – da vida! Nesta noite, com a nossa oração, tornemo-nos voz de uns e de outros: uma prece por todos.²

² FRANCISCO, PP. “Discurso por ocasião da vigília de oração preparatória para o Sínodo sobre a Família”. Cidade do Vaticano: 04/10//2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141004_incontro-per-la-famiglia.html>. Acesso em 12 de março de 2015.

Foi com esta evocação que o Papa Francisco deu início à III Assembleia Geral Extraordinária dos Bispos sob o lema “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização”, mais conhecido como Sínodo da Família, realizado entre 5 e 19 de Outubro de 2014, na cidade do Vaticano.

A palavra Sínodo deriva dos termos gregos *syn* (significa “juntos”) e *hodos* (que significa “caminho”), expressa por isso a ideia de “caminhar juntos”, o Sínodo da Família tem sido paradigmático deste “caminhar juntos” e em muitas coisas inovador.

O Papa Francisco exorta-nos a fixar o olhar em Jesus Cristo, pois só n’Ele encontraremos respostas para os desafios contemporâneos que as famílias são chamadas a viver. Convida-nos a imitá-Lo no seu olhar de amor e ternura para com as mulheres e homens com os quais se encontrou e acompanhou com verdade, paciência e misericórdia, anunciando as exigências do Reino de Deus.

Este Sínodo constitui um grito de clamor da Igreja dirigido aos leigos, para que deem o seu testemunho de fé e sejam colaboradores fiéis no trabalho de evangelização, numa conversão conjunta – da linguagem e dos gestos – para que a Palavra de Deus seja Fonte de Vida em cada Família e transforme o nosso cotidiano de Pão e Vinho em oferta de Corpo e Sangue, no exercício diário da nossa missão de mãe, pai, filho, irmão etc.

Para muitos considerado polêmico, este Sínodo tem sido inovador em sua metodologia: pede um olhar aberto e sem preconceitos, focado sobre realidades concretas e não tanto na discussão de conceitos, baseado numa dinâmica de partilha de testemunhos, mais do que num anúncio teórico.

Em resposta ao convite da Igreja a colaborar nesta nova evangelização da família, estamos propondo, num primeiro momento, uma reflexão sobre as lições da (in)comum família de Nazaré, nossa inspiração para encontrar as respostas para os desafios pastorais sobre a família no mundo contemporâneo. Num segundo momento, apresentaremos um comentário sobre a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia* que, para nós, representa um novo olhar da Igreja sobre a realidade das famílias e do matrimônio, olhar marcado pela alegria e pelo espírito de misericórdia que estamos percebendo ser a tônica do pontificado de Francisco.

1. Lições da (in)comum família de Nazaré

1.1. (In)comum em que sentido?

A palavra “incomum” tem vários significados. Quando falamos de uma família incomum, podemos estar entendendo que essa família é “fora do comum”, “especial”, que não é como outra qualquer... é mais perfeita, talvez!

A arte renascentista vai representar a Sagrada Família como uma família exemplar, perfeita. A família sagrada como espelho de um sentimento de família que ganha lugar na cultura ocidental entre os séculos XV e XVI e se expressa plenamente no século XVII. A sociedade medieval valoriza a linhagem, a solidariedade a todos os descendentes de um mesmo ancestral, não leva em conta os valores nascidos da coabitação e da intimidade. Na mentalidade religiosa medieval, a santificação não se dava na vida leiga. A união sexual, quando abençoada pelo casamento, apenas deixava de ser um pecado.³

Foram as transformações políticas e econômicas ocorridas no século XII que possibilitaram o enfraquecimento das solidariedades de linhagem e a valorização da família conjugal. Conforme afirma Ariès,

As novas formas de economia monetária, a extensão da fortuna mobiliária, a frequência das transações, e, ao mesmo tempo, os progressos da autoridade do Príncipe (quer fosse um Rei capetíngio ou o chefe de um grande principado) e da segurança pública provocaram o estreitamento das solidariedades de linhagem e o abandono das indivisões patrimoniais.⁴

O fortalecimento do Estado e o progresso da economia, oferecendo maiores garantias, vão fazer afrouxar os laços de sangue que era onde se buscava proteção. A partir do século XIV, assiste-se o desenvolvimento da família moderna, fruto de um processo que implicou, todavia, um fortalecimento da autoridade do marido a que deveria se submeter, a mulher e os filhos. No século XVI, “a mulher casada torna-se uma incapaz, e todos os atos que faz sem ser autorizada pelo marido ou pela justiça tornam-se radicalmente nulos”.⁵

³ ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981, p. 215.

⁴ *Ibidem*, p. 212.

⁵ *Ibidem*, p. 214.



A Família Sagrada, nesses séculos, sob essa influência cultural, será representada na arte como essa família moderna, o modelo de família que todos eram convidados a seguir: São José aparece em primeiro plano, como chefe da família, Maria como a mãe ocupada com os afazeres domésticos e o menino Jesus, como o filho obediente. Na tela de Murillo, *Sagrada Família del Pajarito*, por exemplo, São José é o protagonista da cena junto com o menino Jesus, representado como o pai ideal, e Maria, às voltas com o cesto de roupas, é colocada em segundo plano.⁶

No entanto, a Sagrada Família nem sempre foi pintada dessa maneira. Na obra de Celso (177-180) encontra-se uma narrativa do nascimento de Jesus que representa a família de Nazaré como sendo uma família “incomum” num outro sentido, isto é, fora dos padrões de uma família exemplar:

Foi o próprio Jesus que inventou a história de ter nascido de uma virgem. Entretanto, sua mãe era, na verdade, uma pobre camponesa que ganhava a vida como fiandeira. Foi expulsa pelo carpinteiro [*tektion*], seu marido, quando foi declarada culpada de adultério com um soldado chamado Pantera. Em seguida, ela andou ao léu e, secretamente, deu à luz a Jesus. Mais tarde, por ser pobre, Jesus se empregou no Egito, onde se tornou perito em poderes mágicos. Ensoberbecido por esses poderes, reivindicou para si o título de Deus.⁷

Essa referência fornecida por Orígenes, em obra do século II, vai indicar que havia a existência de uma narrativa judaica que continha uma acusação de ilegitimidade, que comprometia a reputação da família de Nazaré.

O que, no entanto, os evangelhos falam sobre a (in)comum família de Jesus?

1.2. *Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?*

Com certeza, são nos evangelhos de infância que encontramos referências sobre a família de Nazaré. No entanto, como nos informam os estudos bíblicos

⁶ A imagem pode ser conferida no seguinte endereço eletrônico: MURILLO, B. E. “Sagrada Família del Pajarito”. Disponível em: <<http://www.artehistoria.com/v2/obras/905.htm>>. Acesso em 08 de junho de 2016.

⁷ ORÍGENES, Contra Celso, I, 28.32.69, apud: BROWN, R. E. *O nascimento do Messias*. Comentário das narrativas de infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005, pp. 638-639.

atuais, essas narrativas não são narrativas históricas, são narrativas teológicas apoiadas na experiência de ressurreição que fizeram os discípulos diante da ressurreição de Jesus, experiência que significou uma grande transformação no olhar, uma nova compreensão das coisas. O relato da aparição de Jesus aos discípulos a caminho de Emaús (Lc 21, 13-35), descreve isso de maneira muito significativa:

Caminhavam “com ar entristecido” e, ao ouvir a palavra dele, “sentem o coração arder”; haviam ficado arrasados ao comprovar a morte de Jesus; mas, ao experimentá-lo cheio de vida, descobrem que suas esperanças não eram exageradas, e sim demasiado pequenas e limitadas; haviam-se afastado do grupo de discípulos, frustrados por tudo o que acontecera, e agora retornam a Jerusalém para contar a todos “aquilo que lhes aconteceu pelo caminho”. Para eles começa uma vida nova.⁸

Nesse sentido, as lições evangélicas sobre a família de Nazaré devem ser recebidas no quadro da vida nova, vida transformada pela experiência do encontro com o ressuscitado. É sob a referência do Mistério da Encarnação, da mensagem trazida pelo próprio de Deus, que se dispõem a viver como nós, que podemos contemplar melhor a (in)comum família de Nazaré. De Deus que se submeteu à nossa condição limitada e, de dentro dela, nos revelou o caminho da salvação: o amor.

Na contemplação da (in)comum família de Nazaré, o primeiro elemento a se considerar é o fato dela ser de Nazaré. “De Nazaré, pode sair algo de bom?” – a pergunta de Natanael (Jo 1, 46) revela o estranhamento que causa esse fato.

A pequena Nazaré era um lugarejo desconhecido, uma vila camponesa habitada por famílias simples voltadas ao cultivo da terra. Buscavam a sobrevivência através da policultura, método de plantio mais adequado ao equilíbrio da demanda de mão de obra nas diferentes estações do ano. Preocupavam-se em ganhar o suficiente para pagar os impostos e sobreviver com o que sobrava. Nas vilas pastoris como Nazaré, informam Crossan e Reed⁹, as famílias deveriam se manter equilibradas, de maneira a garantir que todos os filhos pudessem viver da terra. Se os filhos fossem muitos, teriam que

⁸ PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012, p. 507.

⁹ CROSSAN, J. D.; REED, J. L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 65-66.

trabalhar em terras inadequadas. As filhas destinavam-se ao serviço doméstico e, se fossem muitas, ameaçavam também os recursos da família. O movimento social tendia para baixo, vivendo a maioria dos camponeses perto de uma situação crítica:

Homens sem-terra, filhos jovens e bastardos procuravam sobreviver como artesãos, pescadores, diaristas, soldados, quando não se voltavam para o banditismo; as mulheres sem a proteção do pai, do marido ou dos irmãos tornavam-se esmoleiras ou prostitutas.¹⁰

A vida era predominantemente local; as viagens perigosas. As atividades comerciais, por conta dos riscos oferecidos pela mobilidade, eram impraticáveis. As pessoas às vezes iam a centros urbanos ou visitavam feiras. Longas peregrinações a Jerusalém eram feitas em grupos ou em caravanas escoltadas por guardas contratados.

O mundo de Jesus era o dessa gente rude: camponeses sem dinheiro que possuíam pequeno pedaço de terra de onde retiravam a sobrevivência difícil e os impostos exigidos pelo Império Romano a que estavam subjugados. Gente simples, que trabalhava e, resistindo ao fascínio de Roma, continuava fiel à tradição judaica: circuncidava seus filhos, celebrava a Páscoa, descansava no sábado e valorizava as tradições de Moisés e dos profetas.

Esse foi o lugar escolhido; de Nazaré da Galiléia nos veio o salvador, um presente de Deus para a humanidade acolhido no seio de uma família cuja grande qualidade é a fé, isto é, a convicção que Deus acompanha, defende e busca sempre o bem da criação.

A cena da anunciação de Lucas faz referência a esse acolhimento de Deus no mundo por uma jovem que soube se abrir à verdadeira alegria, isto é, à alegria de participar da obra salvífica de Deus, mesmo sem saber ao certo as implicações dessa decisão. Alegria que será expressa através de um cântico da tradição judaica associado por Lucas à Maria, mãe de Jesus. No Magnificat, Maria canta a alegria em Deus salvador:

A alegria de Maria é o prazer de uma mulher crente que se alegra em Deus salvador; aquele que levanta os humilhados e dispersa os soberbos, aquele que enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias. A alegria verdadeira só é possível no coração daquele que deseja e busca justiça,

¹⁰ *Ibidem*, p. 65.

liberdade e fraternidade para todos. Maria se alegra em Deus porque ele vem consumir a esperança dos abandonados.¹¹

A fé da mãe de Jesus, segundo Lucas, está para além das discussões doutrinárias ou normativas; a fé de Maria é antes de tudo resposta positiva à proposta de participação na obra de Deus, que exigirá dela uma atenção ao sentido profundo dos acontecimentos que se vai revelando aos poucos. Em Lucas, Maria aparece várias vezes perplexa, aguardando o sentido das vivências guardadas no coração (Lc 2,19.51). Essa referência de Lucas à mãe de Jesus ensina, portanto, que a fé “é uma atitude viva que nos mantém atentos a Deus, abertos cada dia ao seu mistério de proximidade e amor a cada ser humano”¹². A fé também desinstala, faz sair dos próprios interesses, nos convoca ao cuidar. Na fé, no entanto, o cuidar não é um esforço individual hercúleo. A fé alivia o peso e torna o cuidar, uma alegria.

Há que se destacar aqui, que a (in)comum família de Nazaré é fundamentalmente uma família aberta, apoiada na fé em Deus e atenta à sua presença amorosa no mundo, família que sabe encontrar a alegria no cuidado. Ela inspira a recuperar a alegria num amor que se alegra em compartilhar os fardos com os irmãos, a ser solidário com o aflito, com o que sofre. Como bem avalia Pagola, estamos consolidando uma sociedade de fortes, terceirizamos os cuidados para podermos trabalhar com mais tranquilidade:

Estamos consolidando entre todos nós uma sociedade feita só para os fortes, os afortunados, os jovens, os sadios e os que são capazes de gozar e desfrutar a vida.

(...) Reunimos as crianças nas creches, instalamos os doentes nas clínicas e hospitais, guardamos nossos velhos em asilos e casas para idosos, confinamos os delinquentes nas prisões e pomos os dependentes de drogas sob vigilância...

Assim, tudo está em ordem. Cada um recebe ali a atenção de que precisa, e nós outros podemos dedicar-nos com mais tranquilidade a trabalhar e desfrutar a vida sem ser molestados. Procuramos cercar-nos de pessoas sem problemas que ponham em perigo nosso bem-estar, e conseguimos viver “bastante satisfeitos”.¹³

¹¹ PAGOLA, *O caminho aberto...*, p. 34.

¹² Ibidem, p. 33.

¹³ Ibidem, p. 34.

A vida em família nos coloca diante da obrigação de cuidar. A (in)comum família de Nazaré nos convida a confiar, a ter fé no amor de Deus ao mundo e a descobrir a alegria de participar do seu desígnio salvífico respondendo afirmativamente à nossa vocação ao cuidado.

Também a discreta figura de José nos ensina sobre a (in)comum família de Nazaré, tensa entre a obediência à lei e o surpreendente chamado de Deus à participação no seu projeto de salvação. Surpreendido pela gravidez da mulher já prometida a ele em casamento, antes de passarem a conviver, José, que era um homem justo, obediente à lei, pensa em despedi-la secretamente, isto é, com clemência, sem acusá-la publicamente e entregá-la ao apedrejamento dos homens da sua cidade, como autorizava a lei (Dt 22, 20-21). No entanto, quando já tinha se decidido a isso, recebeu, também ele a visita de Deus e a convocação para participar da história da salvação, a dar nome ao menino: “Jesus”, aquele que salvará o povo de seus pecados (Mt 1, 18-24). José será uma figura fundamental na argumentação de Mateus. Ele é quem assegura a linhagem davídica de Jesus, a inserção no povo de Israel, numa linhagem e numa profissão socialmente aceita.¹⁴ José também diz seu sim ao projeto de Deus, abre-se ao mistério da encarnação. A genealogia de Jesus apresentada por Mateus tem como tema principal a apresentação de Jesus como “Filho de Davi”, o destinatário das esperanças messiânicas judaicas.

Na composição da genealogia, mostrando que Jesus tem uma relação especial tanto com Davi, quanto com Abraão, ele amplia o sentido da promessa:

Jesus é herdeiro das promessas feitas a Davi e mantidas vivas no judaísmo; é também herdeiro da promessa mais ampla de bênçãos aos gentios feitas por intermédio de Abraão. Para Mateus, os dois antepassados (Davi e Abraão) e seu descendente final (Jesus) são provas do plano de Deus. Assim, a genealogia não é um registro da fecundidade biológica do homem, mas sim uma demonstração da providência divina.¹⁵

É notável, entretanto, na genealogia de Mateus a presença – incomum para os padrões bíblicos – de quatro mulheres: Tamar, Raab, Rute e a mulher de Urias (Betsabéia). Mulheres com irregularidades em sua história e condição conjugal. Tamar tomou iniciativa de provocar sua união um tanto escandalosa com Judá; Raab foi prostituta; a união de Rute com Booz tinha

¹⁴ BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas/SP: Verus, 2005, p. 92.

¹⁵ BROWN, R. E. *O nascimento do Messias...*, p. 82.

certa irregularidade e a mulher de Urias (Betsabéia) teve uma união adúltera com Davi.

A interpretação mais aceita sobre a inclusão dessas mulheres, segundo R. Brown, tem que ver com dois elementos que podem ser relacionados a Maria:

- a) há algo de extraordinário ou irregular em sua união com os parceiros, e, embora tal união tenha sido escandalosa para os estranhos, continuou a linhagem abençoada do Messias; b) as mulheres demonstram iniciativa ou desempenham um papel importante no plano de Deus e, assim, foram consideradas instrumentos da providência de Deus ou do Espírito Santo.¹⁶

Pode-se afirmar, segundo esse autor, que a referência a essas mulheres entre outras (há referência bíblica da intervenção divina em vários nascimentos) está, de fato, associada à situação irregular em que estão envolvidas. Aos olhos dos homens, a gravidez de Maria era um escândalo, pois ela não convivia com o esposo. No caso de Maria, Deus supera a irregularidade biológica.¹⁷

Também sobre a (in)comum família, nos ensina o instigante relato de Lucas onde o menino Jesus no templo, aos doze anos, fala de seu Pai. Essa narrativa é, segundo Brown, um “apoteagma biográfico”, isto é, a ilustração de um dito adaptado a um ambiente de vida. Lucas, nesse relato, utiliza de reminiscências históricas sobre a infância e juventude de Jesus para articular a revelação da filiação divina de Jesus, compreendida pelos discípulos depois da ressurreição. O centro da narrativa é, portanto, o que Jesus diz quando é encontrado pelos pais: “Por que estáveis procurando por mim?”, ele lhes disse. “Vós não sabíeis que eu preciso estar na casa de meu Pai?” (Lc 2, 49).

Lucas descreve a admiração de todos, inclusive de seus pais, em relação à sabedoria do menino, mas também fala da falta de compreensão por parte dos pais expressa na pergunta de Maria: “por que fizeste isto conosco? Olha, teu pai e eu estávamos preocupados à tua procura”. (Lc 2, 48). No contexto do evangelho de Lucas, essa incompreensão diz respeito à tensão entre a atenção às coisas do Pai e as obrigações familiares. Tensão que também se encontra em outras passagens onde Jesus põe em contraste a família terrena com a família escatológica (cf. Lc 8, 9-11; 11, 27-28). Contudo, Jesus era obediente aos pais... A conclusão do relato ressalta a obediência de Jesus aos pais de Nazaré e faz referência mais uma vez ao fato de Maria guardar essas coisas no coração.

¹⁶ Ibidem, p. 88.

¹⁷ Ibidem, p. 89.

Ela pode ter ficado admirada com o que Jesus fez (v.48), não ter compreendido o que ele disse de si mesmo (v.50), até mesmo tê-lo repreendido (v, 48b); mas não ficou indiferente ao mistério que o cercava. Sua falta de compreensão não era permanente; com efeito, o fato de guardar com preocupação todos esses acontecimentos no coração era uma espécie de preparo para uma compreensão futura como membro da comunidade de fiéis (At 1,14).¹⁸

Não podemos deixar de contemplar aqui o Mistério da Encarnação na relação de Jesus com a família. O Filho de Deus, podemos inferir desse relato de Lucas, obediente aos limites impostos pela condição humana também presentes no interior da família de Nazaré, progride “em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). A adesão ao projeto de Deus, portanto, não supõe perfeição. A salvação nos alcança na fragilidade de nossa condição. Deus que vem a nós, nos acolhe, integra e nos transforma pela força do amor.

1.3. Ser família na fidelidade ao projeto de Deus

Quando contemplamos a família de Nazaré compreendemos que a força salvadora de Deus implica a fê no amor ágape, isto é, amor vivenciado com a liberdade que somente a gratuita entrega de si possibilita ter. Amor de cuidado diário que supõe atenção às grandes coisas que estão sendo vivenciadas nas idas e vindas para a escola, no preparo das refeições, no pagamento das contas, nos desentendimentos provocados por toda a sorte de motivos... Amor que também emerge inesperadamente no enfrentamento de situações difíceis que nos tiram o folego e o ânimo de viver.

Como a (in)comum família de Nazaré temos muitas vezes que guardar as coisas no coração para ter, no tempo certo, o sentido revelado. Ter atenção cotidiana à vida, examinando diariamente as nossas motivações, sondando nossos movimentos interiores – consolações e desolações – à luz da Palavra de Deus, para ir discernindo as nossas decisões¹⁹.

¹⁸ Ibidem, p. 591.

¹⁹ Experimentamos consolação, ensina Santo Inácio com a sabedoria adquirida em sua própria experiência, quando sentimos crescer o amor pelo criador e pela criação, conseqüentemente também um aumento da fê, da esperança e da caridade. Uma alegria interna nos assalta, tranquilizando e pacificando a alma no Senhor. Experimentamos em alguns momentos desolação. Perturbação e inquietude, são expressões desse estado que é fruto da desconfiança

Na convivência familiar, todo o dia se é convocado a sair de si. Na escola de humanidade que é a família, precisamos descobrir que a alegria de viver junto implica necessariamente a relativização do próprio interesse em prol do interesse que vai se constituindo em comum, em unidade. Família é fundamentalmente com-unidade. Unidade de corpos, de interesses, de projetos. Unidade, no entanto, aprendemos de Jesus, Maria e José, aberta ao compromisso de cada um com a descoberta do sentido maior que envolve a vida neste mundo. “Minha mãe e meus irmãos são estes, que ouvem a palavra de Deus e a observam” (Lc 8, 21), duras palavras de Jesus contra o fechamento da família em si mesma. Citando o Papa Francisco, o *Relatio Synodi* (2014) lembra que a fé não é refúgio para gente sem coragem; o encontro com Cristo alarga os horizontes da existência, dilata a vida e dá coragem para enfrentar a fragilidade humana (n.20).

Fundamentalmente, a (in)comum ou extraordinária família de Nazaré nos ensina que Deus entre nós não nos pede perfeição, mas fidelidade ao seu projeto de salvação que nasce e cresce no mundo como grão de mostarda. O Reino de Deus, como ensina o Evangelho, é uma pequena semente que deve germinar e se transformar em arbusto acolhedor onde os pássaros podem encontrar abrigo (Cf. Mt 13, 32); é também uma discreta caridade que, como fermento vai tomando conta da massa e fazendo crescer o pão (Cf. Mt 13,33). “Jesus olhou com amor e ternura para os homens e mulheres que encontrou, acompanhando os seus passos com verdade, paciência e misericórdia, ao anunciar as exigências do Reino de Deus”.²⁰

A nós, membros da Igreja envolvida com a evangelização da família, conscientes da nossa fragilidade, cabe prestar atenção às situações difíceis, pelas quais passa a família em tempos de radical individualismo e de relativismo de valores.

da bondade da vida que nos toma e nos faz perder a esperança, esfriar para o amor. Nesses momentos, é preciso tomar cuidado, cf. INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Ed. Loyola, 1997, pp. 314-327. Existem ainda momentos em que situações muito cruciais nos fazem reclamar o abandono do Pai. Nos relatos de muitos mestres espirituais, no entanto, o silêncio de Deus tem muitas vezes significado profundo.

²⁰ SÍNODO DOS BISPOS. “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização” – *Relatio Synodi*. Cidade do Vaticano: 18/10/2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi-familia_po.html>. Acesso em 10 de março de 2015, p. 12.

2. *Amoris Laetitia*: a alegria do amor que se vive nas famílias

Passado ano e meio da abertura do Sínodo da Família, recebemos a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, oferecida à Igreja pelo Santo Padre Francisco. No documento promulgado em 19 de março de 2016, o Papa Francisco acolhe as contribuições desse processo para falar sobre “a alegria do amor que se vive na família” (AL, 1) à Igreja Católica, mas também, como já havia feito por ocasião da promulgação da encíclica *Laudato Si’* – sobre o cuidado da casa comum, a todas as pessoas, isto é, àqueles que mesmo não confessando uma pertença à Instituição, têm escutado as suas palavras. Alegria que se vive entre tensões e muitos desafios, como aponta o documento na seção dedicada a ver a situação atual da família.

Amoris Laetitia nos convida a celebrar o amor com olhar misericordioso, assumindo uma postura de respeito às diferenças e na confiança que a unidade e a verdade são fruto do Espírito Santo. Neste sentido, vale conferir o parágrafo 3 do documento que faz parte da introdução:

Recordando que o tempo é superior ao espaço, quero reiterar que nem todas as discussões doutrinárias, morais ou pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais. Naturalmente, na Igreja, é necessária uma unidade de doutrina e práxis, mas isto não impede que existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela. Assim há de acontecer até que o Espírito nos conduza à verdade completa (cf. Jo 16, 13), isto é, quando nos introduzir perfeitamente no mistério de Cristo e pudermos ver tudo com o seu olhar. Além disso, em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais. De fato, “as culturas são muito diferentes entre si e cada princípio geral (...), se quiser ser observado e aplicado, precisa de ser inculturado”. (AL, 3)

2.1. Problemas e desafios

Partindo das reflexões sinodais, afirma Francisco, “não se chega a um estereótipo da família ideal, mas a um interpelante mosaico formado por muitas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos” (AL, 57). Avaliando a situação atual, ele destaca o problema do individualismo exagerado que marca a vida social e atinge a família que sofre “as tensões induzidas por uma cultura individualista da posse e do gozo” (AL, 33),

situação já apontada pelo relato dos bispos sinodais, mas acrescenta a esse diagnóstico as dificuldades provocadas pelo ritmo de vida atual, o estresse e a organização social e laboral que causam impacto na vida em família que tende a “transformar-se num lugar de passagem, aonde uma pessoa vai quando lhe parecer conveniente para si mesma ou para reclamar direitos, enquanto os vínculos são deixados à precariedade volúvel dos desejos e das circunstâncias” (AL, 34). Nesse contexto, alerta Francisco, “o ideal matrimonial com um compromisso de exclusividade e estabilidade acaba por ser destruído pelas conveniências contingentes ou pelos caprichos da sensibilidade” (AL, 34).

Uma “cultura do provisório” e uma lógica do descarte afeta as relações afetivas. Os jovens são desencorajados a formar uma família em nome da busca constante de melhores oportunidades de trabalho ou de estudo (AL, 40).

Importante notar entre os sintomas dessa cultura, a imposição de uma afetividade narcisista, instável e mutável que dificulta ao sujeito alcançar a maioria (AL, 41). Na avaliação dos Padres sinodais, destaca Francisco, uma das maiores pobreza da cultura atual é a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações. Nota-se também que a sensação de impotência face à realidade socioeconômica esmaga as famílias que se sentem abandonadas pelo desinteresse e a pouca atenção das instituições. As consequências negativas sob o ponto de vista da organização social, afirma ele, são evidentes: “da crise demográfica às dificuldades educativas, da fadiga em acolher a vida nascente ao sentir a presença dos idosos como um peso, até à difusão dum mal-estar afetivo que às vezes chega à violência” (AL, 43).

Fazem parte ainda da análise sobre a situação atual da família os desafios recolhidos das consultas efetuadas no caminho sinodal. Entre eles, Francisco destaca a dificuldade que a família encontra em exercer sua função educativa pelas extenuantes condições de trabalho impostas aos pais (AL, 50). Cita ainda a toxicodependência como o flagelo que faz padecerem as famílias e também os problemas do enfraquecimento da família como sociedade natural (AL, 52 e 53), da ausência do pai (AL, 55), da emergência da ideologia “*gender*” que nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher (AL, 56), e da revolução biotecnológica aplicada ao campo da reprodução (AL, 56).

Contudo, o ponto forte do documento, queremos destacar, é a bela reflexão conduzida no espírito da misericórdia que encontramos nos capítulos IV e V, que versam sobre o amor no matrimônio.

2.2. O amor no matrimônio: sacramento do amor de Deus

Sob a inspiração do hino à caridade de São Paulo, Francisco aprofunda o sentido da “caridade conjugal” para a qual o amor conjugal está ordenado quando assumido na sua sacramentalidade. No seu sentido sacramental, o amor conjugal é, depois do amor que nos une a Deus, a “amizade maior”, afirma ele, pois tem as características da boa amizade, acrescentando a ela “uma exclusividade indissolúvel, que se expressa no projeto estável de partilhar e construir juntos toda a existência” (AL, 123). Uma amizade que inclui as características próprias da paixão. A união conjugal é totalizante, tende a ser exclusiva, fiel e aberta à geração (AL, 125).

O matrimônio no seu sentido teológico é o ícone do amor de Deus por nós. Em virtude do sacramento do matrimônio os esposos são investidos da missão de tornar visível o amor com que Cristo ama a Igreja. (AL, 121)

Importante observar que, em sua reflexão, Francisco situa a compreensão do sacramento do matrimônio no contexto de uma ampla compreensão mais teológica e menos jurídica. Entende a responsabilidade sacramental do matrimônio como um processo. Adverte (seguindo o Concílio Vaticano segundo e a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* de João Paulo II), no parágrafo 122, que “não se deve atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter que reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja, porque o matrimônio como sinal implica ‘um processo dinâmico, que avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus’” (AL, 122).

Segundo Nocke, são três os atos básicos, síntese da multiplicidade de atos eclesiais: o anúncio da vida nova através da pregação e testemunho (*Martyria*); a celebração dessa vida através do culto divino, sacramentos e oração (*Leitourgia*); o serviço do amor em comunhão fraterna (*Diakonia*). Nesta divisão são representados atos fundamentais da vida de Jesus e aspectos básicos das grandes reuniões do Povo de Deus. Estruturam a missão e a existência da comunidade: cada qual, com seu alcance distinto, designa o todo da missão e existência eclesial.²¹

Nesse contexto, os sacramentos têm um sentido amplo, são sinais que evocam a misteriosa presença salvífica de Deus para nós, conosco e entre nós. A palavra sacramento (*sacramentum*) é tradução latina da palavra grega

²¹ NOCKE, F.-J. “Doutrina Geral dos Sacramentos”. In: SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume II. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001, p. 171.

mysterion, que quer dizer iniciar, fazer perceber o caráter escondido, não comunicado, de uma realidade ou de uma intenção. No âmbito das religiões gregas antigas, faz referência à percepção alcançada através da participação em rituais de iniciação. A palavra mistério, no entanto, tem um sentido existencial-antropológico. O Mistério está presente em toda a realidade e toda a realidade emerge do Mistério. “Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade e que possui um caráter definitivamente indecifrável.”²² O Mistério é o ilimitado do conhecimento. Quanto mais a inteligência se aproxima da realidade, no sentido de conhecer, maior o mistério se apresenta. O mistério do real dinamiza a inteligência. No sentido religioso, o Mistério é um encontro com algo ou alguém que está no fundo de si mesmo, no outro lado do real e/ou na riqueza imensurável da descoberta do outro.

Com base nas orientações do Concílio Vaticano II, podemos dizer que os sacramentos são as celebrações centrais da Igreja. Realizadas corporalmente, são sinais de um mundo redimido. O sacramento é símbolo real, pois, ao mesmo tempo que sinaliza a atuante presença de Deus entre nós, celebra o nosso engajamento no projeto salvífico de Deus. O sacramento não é apenas um símbolo representativo, é um símbolo real, um sinal realizador que tem dimensão jurídica (implica um juramento, uma palavra ou gesto que compromete, como a assinatura de um contrato) e, ao mesmo tempo, dimensão pessoal (mais condicionada pela disposição interior). O sacramento enquanto símbolo real, sinaliza uma realidade que já é dada, “pelo menos de modo rudimentar, também antes da realização do sinal, para que ela possa realizar-se e, na realização, crescer, intensivar-se e criar maior comprometimento”.²³

Para o cristão, o sacramento original é Jesus Cristo, o sinal realizador e símbolo real por excelência. “Ele é sinal de Deus em dois sentidos: nele, em sua vida, suas palavras, sua atuação e seu destino, pode-se reconhecer como Deus age no ser humano e nele próprio Deus realiza sua história com os seres humanos”.²⁴

A partir dele, ou melhor, em Cristo, a Igreja é também sacramento: “a vida da Igreja, inspirada pelo Espírito de Cristo, sua proclamação, sua diaconia e liturgia, serve para ser ‘sinal’ de Jesus Cristo, para testemunhar e

²² BOFF, L.; FREI BETTO. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 14.

²³ NOCKE, F.-J. Doutrina Geral dos sacramentos..., pp. 191-192.

²⁴ Ibidem, p. 199.

realizar sua permanente presença e atuação no mundo”.²⁵ Santa e pecadora, a Igreja peregrina, assinalada com verdadeira santidade, embora imperfeita, leva consigo, nos seus sacramentos e instituições a figura desse mundo que passa, e ela mesma vive entre as criaturas que gemem em dores de parto, aguardando a gloriosa liberdade dos filhos de Deus (LG 48). A Igreja é, assim, “sacramento fundamental” para os “sacramentos individuais”, que são celebrações reconhecidas como manifestações litúrgicas centrais, com as quais ela se identifica oficialmente em grau máximo e nas quais ela se engaja radicalmente.²⁶

Os sete sacramentos, portanto, são símbolos reais de nossa participação no projeto salvífico de Deus. Momentos-chaves da vida, escreve Leonardo Boff, onde se cruzam as linhas do sentido transcendente do humano. Momentos em que se experimenta que a vida não se sustenta por si mesma e que se está mergulhado na corrente vital que perpassa o mundo e a comunidade. “Nestes momentos-chave, experimenta-se a participação de uma força que nos transcende, mas que se manifesta em nossa vida”.²⁷

O matrimônio é um desses momentos fulcrais, é uma instituição humana que implica o estabelecimento do vínculo conjugal para a constituição de uma família e é sacramento na medida em que for “sinal realizador de aceitação em amor para uma comunhão de vida abrangente”, quando “realiza a amorosa aceitação de Deus para com o seu povo e de Jesus Cristo para com a Igreja”.²⁸

Contra a perspectiva hedonista da sociedade contemporânea, *Amoris Laetitia* orienta a cuidar da alegria do amor matrimonial, resgatar sua dimensão estética, isto é, o “valor sublime” do outro que não se reduz a atrativos físicos ou psicológicos, mas capta o outro como fim em si mesmo, ainda que esteja doente, velho ou privado de atrativos sensíveis (AL, 126 e 127).

Não é preciso temer - Francisco dirige-se aos jovens – que essa experiência estética do amor se perca na exigência necessária de assumir o matrimônio de forma institucional. A recusa da instituição do matrimônio, alerta ele, pode revelar uma postura egoísta própria daquele que não consegue reconhecer os direitos do outro e apresentá-lo à sociedade como alguém digno de ser

²⁵ *Ibidem*, p. 199.

²⁶ *Ibidem*, p. 203.

²⁷ BOFF, L. *Mínima Sacramentalia*. Os sacramentos da vida e a vida dos Sacramentos. Petrópolis/RJ: Vozes, 1975, p. 55.

²⁸ NOCKE, F.-J. “Doutrina Específica dos Sacramentos”. In: SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume II. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001, p. 333.

amado incondicionalmente (AL, 131-132). A instituição do matrimônio é instrumento, podemos dizer, interpretando as palavras de Francisco, que deve garantir condições seguras ao amor conjugal de se manifestar socialmente e de crescer, cultivado, principalmente, pela prática do diálogo (AL 133-141).

2.3. A alegria da paixão e a maturidade no exercício da sexualidade

É da Tradição da Igreja, especialmente da tradição mística, recorda Francisco, afirmar que o amor matrimonial, com sua intensidade passional, simboliza a união do coração humano com Deus:

Deve haver qualquer motivo para um amor sem prazer nem paixão se revelar insuficiente a simbolizar a união do coração humano com Deus: “Todos os místicos afirmaram que o amor sobrenatural e o amor celeste encontram os símbolos que procuram mais no amor matrimonial do que na amizade, no sentimento filial ou na dedicação a uma causa. E o motivo encontra-se precisamente na sua totalidade”. Sendo assim, por que não determo-nos a falar dos sentimentos e da sexualidade no matrimônio? (AL, 141)

Desejos, sentimentos, emoções ocupam um lugar importante no matrimônio, afirma Francisco (AL, 143). A paixão que acompanha o ato livre pode manifestar a profundidade da opção (AL, 146).

Entre os apaixonados poemas místicos, podemos ressaltar os conhecidos versos do poema “Cântico Espiritual” de São João da Cruz²⁹:

En la interior bodega
de mi Amado bebí, y, cuando salía
por toda aquesta vega
ya cosa no sabía
y el ganado perdí que antes seguía.

Allí me dio su pecho,
allí me enseñó ciencia muy saborosa,
y yo le di de hecho
a mí sin dejar cosa;
allí le prometí de ser su esposa.

²⁹ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras completas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, XXVI-XXIX.

Mi alma se há empleado
y todo mi cudal em su servicio;
ya no guardo ganado,
ni ya tengo outro oficio,
que ya sólo en amar es mi ejercicio.

Pues ya si en el ejido
de hoy más no fuera vista ni hallada,
direis que me he perdido,
que, andando enamorada,
me hice perdidiza, y fui ganada.
(...)

O amor matrimonial não deve ser refém dos impulsos, mas deve servir à maturidade que “chega a uma família, quando a vida emotiva dos seus membros se transforma numa sensibilidade que não domina nem obscurece as grandes opções e valores, mas segue a sua liberdade, brota dela, enriquece-a, embeleza-a e torna-a mais harmoniosa para o bem de todos” (AL, 146).

No contexto da reflexão sobre a maturidade afetiva, a sexualidade tem um papel fundamental. Estudos de psicanálise vão mostrar que desde os tempos de recém-nascido o ser humano experimenta desejos parciais relacionados com suas necessidades (alimentação, proteção, higiene...). Esses desejos parciais estão ligados a sensações de prazer ou desprazer que se articulam com o desejo genital. No menino possuem uma dinâmica centrífuga e correspondem ao movimento de penetração em relação ao objeto desejado; na menina possuem uma dinâmica centrípeta, movimento de atração, sedução, desejo de ser penetrada, tornar-se fecunda³⁰. Isso significa que já os primeiros vínculos entre as pessoas, os vínculos familiares implicam o exercício da sexualidade.

Antes da resolução edipiana, o bebê experimenta um corpo-a-corpo de características eróticas com a mãe, primeiro objeto de desejo. Erotismo necessário à posterior simbolização, manutenção e renovação da linguagem interior e do narcisismo do sujeito (autovalorização necessária para a afirmação da personalidade). Em função desse jogo erótico que será sempre um jogo de aproximação e separação, estabelece-se em torno da relação entre criança e mãe, em primeiro lugar, um campo imaginário inconsciente, através do qual

³⁰ DOLTO, F. *No jogo do desejo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, pp. 260-261.

a criança vai elaborando as pulsões não satisfeitas. A ausência do encontro corporal é preenchida por gritos, brincadeiras, objetos associados a presenças daquilo que é desejado. Esboça-se então os caminhos para a linguagem.

No aprofundamento da relação, sobrevêm as sucessivas separações e a criança, já tendo a percepção do próprio corpo, experimenta o desejo do reencontro no campo do simbólico, do imaginário e da realidade. O bebê deseja o corpo-a-corpo para satisfazer seus desejos parciais e de linguagem, objetos mediadores não são suficientes para suprir a presença do ser amado. Intensifica-se, por isso a necessidade de trocas corporais e linguísticas. Toda essa dinâmica é marcada por um sentido fundamentalmente erótico.

Só mais tarde, após a resolução edípiana, a criança será capaz de viver relações, isto é, de alimentar vínculos que não sejam marcados pelo desejo de prazer sexual. A interdição das relações eróticas imposta pela natureza das relações familiares, necessariamente castas, oferece à criança a possibilidade de viver relações de maneira diferenciada, de experimentar, ela também, a castidade, isto é, a relação que não é busca de satisfação sexual.

A castidade, no sentido mais amplo, como não-busca de um prazer em si nas relações humanas, é, ao contrário, criadora de amância e libertadora, em cada um, da ligação do desejo físico com o corpo como exacerbação imaginária do amor, deixando cada um em liberdade para seu amor e seu desejo por outros.³¹

A criança conquistará, através da superação dos conflitos que se formam em torno da relação triangular pai-mãe-filho(a), a liberdade de experimentar também o amor que busca a satisfação, gozo sexual e capacidade procriadora, fora do círculo familiar, em abertura para a vida social.

É certo que o primeiro impulso em direção ao outro é conduzido por Eros, esclarece Rubem Alves:

O ser humano não é primeiramente atraído pelo ágape, ou seja, pelo amor ao outro, independentemente do que o outro seja. É Eros quem conduz o homem para a mulher e a mulher para o homem. Masculinidade e feminilidade: este fato faz parte da bondade da criação e constitui uma realidade que condiciona e torna necessário o sentido erótico da vida.³²

³¹ Ibidem, p. 266.

³² ALVES, R. *Da Esperança*. Campinas/SP: Papirus, 1987, p. 201.

A relação com o outro na experiência humana, cujo momento mais original é marcado pela sexualidade, não se reduz, no entanto, aprofunda esse autor, ao sentido genital. A vocação à liberdade³³ presente na experiência humana atua na relação com o outro assim como na relação com a natureza. O corpo humano, por ser livre, não está necessariamente submetido às leis naturais que regem o encontro entre macho e fêmea. Da atração sexual entre homem e mulher, a liberdade faz amor.

Este amor, transformado pela liberdade, contém duas experiências. Uma, forte e impetuosa, porém efêmera e escorregadia. Outra suave, tranquila e duradoura. A primeira é a experiência do corpo que é natureza, atração sexual, fogo que toma conta e que se esgota depois dos jogos de amor físico. A segunda é a experiência do corpo livre e histórico. É a experiência do amor que vive porque a relação entre os corpos ganha a força da palavra. O amor vive, diz Rubem Alves numa de suas crônicas, “neste sutil fio de conversação, balançando-se entre a boca e o ouvido. (...) O ouvido é feminino, vazio que espera e acolhe, que se permite ser penetrado. A fala é masculina, algo que cresce e penetra nos vazios da alma”³⁴.

O segredo da durabilidade do amor humano está nesta capacidade de falar e ouvir. Com a boca e o ouvido tecemos fios que nos unem ao outro. Homem e mulher, por obra da palavra tornam-se masculino e feminino, ultrapassam os limites da natureza quando se deixam penetrar pela fala do outro ou quando buscam o outro com sua própria fala. A palavra proferida a partir do corpo comprometido com a liberdade e encarnado na história, com seu sopro suave, reascende a chama do amor: “Não há orgasmo que ponha fim ao desejo”³⁵, declara poeticamente esse autor. A relação humana, marcada pela linguagem, transborda, ultrapassa o casal e cria comunidade.

Podemos dizer, a partir dessa compreensão da dinâmica do desejo e da orientação de Francisco, que o sacramento do matrimônio é o sinal sensível da resposta ao chamado de Deus para participar da vida do mundo, construindo comunidade de amadurecimento afetivo, *locus* que oferece condições para o ordenamento do desejo ao amor. Pois, a família, por sua exigência de vida em comum, é escola de superação do egocentrismo e do aprendizado do sacrifício

³³ A vocação à liberdade é, para Rubem Alves, uma atitude de protesto diante das forças domesticadoras que agem no sentido de promover a adaptação às estruturas estabelecidas, forças que procuram fechar as possibilidades para o novo, para o futuro. Cf. *Da Esperança*, cap. II.

³⁴ ALVES, R. *O retorno e terno*. Campinas/SP: Papirus, 1993, pp. 24-25.

³⁵ *Ibidem*, p. 25.

de amor, uma vez que solicita constantemente o desprendimento de si pelo bem do outro.

Ressaltando que a Doutrina oficial da Igreja, apesar dos exageros e ascetismos, não rejeitou o *eros* enquanto tal, Francisco lembra, entretanto, que não se pode deixar de considerar, entretanto, os riscos da paixão. É certo que os movimentos da paixão, desejo ou repulsa, podem estar a serviço de um sentido de posse egoísta (AL, 142-145). Assim, é preciso fazer boa interpretação da Carta aos Efésios (EF 5,22) que pede a submissão das mulheres aos maridos: “Entre os cônjuges, esta recíproca «submissão» adquire um significado especial, devendo-se entender como uma pertença mútua livremente escolhida, com um conjunto de características de fidelidade, respeito e solicitude.” (AL, 156)

Fidelidade, abertura e compromisso com a transformação do mundo, são os grandes valores que fazem do amor conjugal sacramento de Deus, ensina a Exortação *Amoris Laetitia*. O amor conjugal não deve ser fechado em si mesmo. Deve ser, ao contrário, amor fecundo, aberto à geração.

Na complexa configuração familiar a que a sociedade contemporânea conduz, a reprodução é dos grandes desafios. O aumento da infertilidade promovida por um estilo de vida que tem no centro a obediência às exigências do trabalho e o desenvolvimento de novas técnicas reprodutivas que têm aberto às ciências múltiplas possibilidades de experimentação, num contexto de acirramento do individualismo, tem pedido um aprofundamento do sentido da maternidade e da paternidade.

Posicionando-se criticamente diante de uma sociedade de laços fragilizados e dominada por uma mentalidade tecnocientífica, Francisco lembra a importância de se cultivar a maternidade e a paternidade, não para afirmar a família patriarcal, mas para lembrar a importância das figuras materna e paterna do desenvolvimento de crianças seguras e comprometidas com a realidade:

A mãe, que ampara o filho com a sua ternura e compaixão, ajuda a despertar nele a confiança, a experimentar que o mundo é um lugar bom que o acolhe, e isto permite desenvolver uma auto-estima que favorece a capacidade de intimidade e a empatia. Por sua vez, a figura do pai ajuda a perceber os limites da realidade, caracterizando-se mais pela orientação, pela saída para o mundo mais amplo e rico de desafios, pelo convite a esforçar-se e lutar. (AL, 175)

É importante observar que Francisco, na exortação *Amoris Laetitia*, ao lidar com a problemática da geração, não tem como referência a família nuclear fechada em si mesma, mas vai procurar refletir sobre a fecundidade no matrimônio no seu sentido amplo. Não se restringe a pensar a reprodução de maneira estritamente biológica.

Tendo como referência a *Gaudim et Spes* (50), argumenta que o matrimônio não foi instituído só em ordem à procriação e que a maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica (AL, 178). A família, portanto, deve ser aberta, sair de si mesma para viver a solidariedade em todos os sentidos, principalmente no que se refere ao compromisso com a transformação social. Ao amor esponsal deve-se somar o amor eucarístico. Alimentada pela eucaristia, a família é convocada a uma maior comunhão com os descartados da sociedade (AL, 186). A família, afirma Francisco, introduz a fraternidade no mundo, pois promove as primeiras experiências de fraternidade alimentadas pelos afetos e pela educação familiar (AL, 194).

2.4. Perspectivas pastorais

A partir desse quadro de referências é que Francisco propõe perspectivas pastorais. Pede à Igreja que se dirija às famílias, olhando para os problemas reais, com humildade e ciência de suas próprias contradições. Insiste, retomando o *Relatio Synodi*, que não se trata de apresentar uma normativa, mas propor valores que correspondam às necessidades de hoje, não se esquivando de denunciar as condições contraditórias de uma sociedade que cria dificuldades para uma vida familiar autêntica (AL, 201).

O documento ressalta a importância de uma formação adequada para os ministros e oferece alguns parâmetros importantes para a preparação do casal para o matrimônio e para o acompanhamento das famílias. Lembra aos agentes, entretanto, que essa tarefa não é um momento pontual, não deve se reduzir a um curso. A preparação para o matrimônio é um processo longo que deve levar em consideração a experiência de família trazida pelos noivos. Nesse sentido, afirma Francisco, “todas as atividades pastorais, que tendem a ajudar os cônjuges a crescer no amor e a viver o Evangelho na família, são uma ajuda inestimável a fim de que os seus filhos se preparem para a sua futura vida matrimonial” (AL, 208). Há que se compreender a vida conjugal como um processo e investir no amadurecimento do amor que envolve também reconhecer os pontos

fracos de um e de outro, “enfrentar o desafio de se manifestar a si mesmo e aprender que é realmente o outro” (AL, 210).

As orientações pastorais propostas têm como referência o entendimento do matrimônio como um processo que implica um projeto de vida a ser levado adiante conjuntamente (AL, 219), um caminho de amadurecimento “onde cada um dos cônjuges é um instrumento de Deus para fazer crescer o outro” (AL, 221). O acompanhamento da vida familiar deve ter em vista esse processo que visa à edificação de uma vida de amor fiel, aberto e fecundo. Deve-se, portanto, “encorajar os esposos a serem generosos na comunicação da vida”, sem deixar de levar em conta que essa é uma decisão que os próprios cônjuges devem tomar diante de Deus (AL, 222).

Convidando a empreender um movimento de saída, Francisco afirma que a pastoral familiar deve ser uma pastoral missionária, não deve se reduzir a ser “uma fábrica de cursos a que poucos assistem” (AL, 330). Deve ter presente as crises, angústias e dificuldades da vida familiar. Destaca a necessidade do acompanhamento pastoral depois das rupturas e dos divórcios. Orienta a acolher a inevitabilidade das separações em alguns casos e a empreender esforços para que não se rompa a comunhão com a Igreja. Afirma em relação aos divorciados que vivem nova união: “é importante fazer-lhes sentir que fazem parte da Igreja, que ‘não estão excomungadas’ nem são tratadas como tais, porque sempre integram a comunhão eclesial” (AL, 243). Aconselha também a acompanhar as famílias nos momentos em que são confrontadas com o desafio da morte (AL, 253-258).

Faz parte também das orientações pastorais, o cuidado com a educação dos filhos, tarefa que, reconhece Francisco, se tornou muito complexa, exigindo a reinvenção dos métodos e a utilização de novos recursos. A vigilância é importante, ele adverte, porém o controle dos filhos não deve se tornar uma obsessão. Insistindo no amor como um processo e na família como um lugar de amadurecimento da liberdade, afirma:

O que interessa acima de tudo é gerar no filho, com muito amor, processos de amadurecimento da sua liberdade, de preparação, de crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia. Só assim este filho terá em si mesmo os elementos de que precisa para saber defender-se e agir com inteligência e cautela em circunstâncias difíceis. Assim, a grande questão não é onde está fisicamente o filho, com quem está neste momento, mas onde se encontra em sentido existencial, onde está posicionado do ponto

de vista das suas convicções, dos seus objetivos, dos seus desejos, do seu projeto de vida. (AL, 261)

Francisco chama a atenção para o desafio do uso das tecnologias de comunicação, que podem facilitar ou prejudicar o encontro educativo no seio da família. Os usos dos novos recursos sofisticados de comunicação e distração devem ser, orienta ele, “motivo de diálogo e de acordos que permitam dar prioridade ao encontro dos seus membros sem cair em proibições insensatas” (AL, 278).

No que diz respeito à educação sexual, pondera sobre a possibilidade de “cultivar o impulso sexual num percurso de conhecimento de si mesmo e no desenvolvimento duma capacidade de autodomínio, que podem ajudar a trazer à luz capacidades preciosas de alegria e encontro amoroso” (AL, 280), numa sociedade que tende a banalizar e empobrecer a sexualidade. Adverte sobre posições educativas mais libertárias, que podem representar um “convite aos adolescentes para que brinquem com os seus corpos e desejos, como se tivessem a maturidade, os valores, o compromisso mútuo e os objetivos próprios do matrimônio” (AL, 283). Orienta a “ensinar um percurso pelas diversas expressões do amor, o cuidado mútuo, a ternura respeitosa, a comunicação rica de sentido. Com efeito, tudo isto prepara para uma doação íntegra e generosa de si mesmo que se expressará, depois dum compromisso público, na entrega dos corpos” (AL, 283).

E para concluir a seção sobre a educação dos filhos, o documento recomenda que a educação na fé seja feita de forma testemunhal e adaptada a cada filho, pois “os recursos aprendidos ou as receitas às vezes não funcionam” (AL, 288). Retomando o relatório final do sínodo (*Relatio* 2015, n.89), termina afirmando que:

“A família torna-se sujeito da ação pastoral, através do anúncio explícito do Evangelho e do legado de múltiplas formas de testemunho, nomeadamente a solidariedade com os pobres, a abertura à diversidade das pessoas, a salvaguarda da criação, a solidariedade moral e material para com as outras famílias, especialmente para com as mais necessitadas, o empenho na promoção do bem comum, inclusive através da transformação das estruturas sociais injustas, a partir do território onde vive a família, praticando as obras corporais e espirituais de misericórdia”. Isto deve ser feito no contexto da convicção mais preciosa dos cristãos: o amor do Pai que nos sustenta e faz crescer, manifestado no dom total de Jesus Cristo,

vivo no meio de nós, que nos torna capazes de enfrentar, unidos, todas as tempestades e todas as etapas da vida. (AL, 290)

Lembrando que o caminho da Igreja é o de Jesus Cristo, isto é, o caminho de misericórdia e integração (AL, 296), Francisco orienta o discernimento das situações chamadas “irregulares”. Pede uma “gradualidade no exercício prudencial dos atos livres em sujeitos que não estão em condições de compreender, apreciar ou praticar plenamente as exigências objetivas da lei” (AL, 295). Afirmo que é preciso acompanhar com misericórdia e paciência o crescimento das pessoas levando em conta que “Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade ...” (AL, 308).

Enfim, a vida em família com suas exigências fraternas e comunitárias, vividas à luz da cruz e ressurreição de Cristo, é um verdadeiro caminho de santificação da vida ordinária e de crescimento místico (AL, 316), afirma o documento em sua última seção, que versa sobre a espiritualidade conjugal e familiar.

Caracteriza a espiritualidade conjugal e familiar o amor exclusivo e libertador. A vivência da fidelidade, afirma Francisco, leva à libertação: “Há um ponto em que o amor do casal alcança a máxima libertação e se torna um espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor” (AL, 320).

Também faz parte dessa espiritualidade a vocação para o cuidado e a hospitalidade. A abertura à geração lança o casal ao cuidado dos filhos e convoca também à hospitalidade, isto é, à saída de si pelo bem do outro: “Há um ponto em que o amor do casal alcança a máxima libertação e se torna um espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor” (AL, 324).

Considerações finais

É certo que vivemos em um tempo de grandes desafios no âmbito da vida familiar e que não é fácil dizer algo significativo para uma geração que já não reconhece como seus, valores tradicionais associados a uma configuração de família institucionalmente constituída. Uma geração desafiada por uma cultura individualista em que a lógica do descarte alcança inclusive as relações afetivas.

Como vimos, o resultado do Sínodo da Família, expresso na Exortação

Amoris Laetitia, lida com a necessidade de oferecer orientações pastorais mediante as situações desafiadoras vivenciadas atualmente pelas famílias, inspiradas, de fato, na (in)comum família de Nazaré. Essa Sagrada Família que nos convida a confiar no amor misericordioso de Deus ao mundo e nos pede uma postura aberta e misericordiosa.

A contemplação da (in)comum família de Nazaré fez ver que Deus nos alcança em nossa fragilidade, acolhe nossa imperfeição com seu amor integrador e nos transforma em seres de compaixão e cuidado, capacitados não apenas para “amar ao próximo como a nós mesmos” (Mt, 22, 39), mas também para o amor eucarístico do Filho que pede: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12).

Todo esse processo de reflexão participativa sobre o tema do amor conjugal e da família promovido pelo Sínodo da Família trouxe, de fato, bons frutos. O resultado apresentado na Exortação do Papa Francisco recolheu esse processo e, com muita inspiração e um olhar aberto e misericordioso, ofereceu orientações para o enfrentamento dos desafios contemporâneos ligados a esse tema.

Francisco, como pudemos observar, vai sempre se referir ao matrimônio como um processo e à família como lugar de amadurecimento afetivo. Vai também entender o sacramento do matrimônio de forma mais teologal que jurídica e afirmar que os valores do amor conjugal são fidelidade, abertura e compromisso com a transformação do mundo.

Como perspectiva pastoral ressaltou a importância da formação adequada para os ministros que devem acompanhar o casal e a família, levando em conta que essa pastoral é processual, que é preciso considerar a fragilidade da condição humana e investir, sobretudo, no amadurecimento do amor. Pediu que se empreenda um movimento de saída, isto é, que a pastoral da família seja uma pastoral missionária, disposta a enfrentar crises e que não tenha os olhos fechados às situações chamadas irregulares. Afirmou que é preciso acompanhar com misericórdia e paciência o crescimento das pessoas.

Apesar de serem breves as páginas sobre a espiritualidade com as quais Francisco concluiu o documento, podemos ver ali uma afirmação fundamental: a família como lugar de santificação da vida e crescimento místico.

Fiel à espiritualidade cristã que propõe um encontro com Deus em Cristo encarnado, revelador do amor misericordioso de Deus-Pai, fala de uma espiritualidade conjugal e familiar caracterizada pela vivência cotidiana de uma fidelidade libertadora, de um amor exclusivo que, iluminado pela fé na

salvação amorosa de Deus, se abre para o compromisso com a transformação do mundo e se desdobra em cuidado e solidariedade.

Em resposta à interpelação do Sínodo da Família, portanto, cabe agora aos cristãos e cristãs aprofundarem essa espiritualidade mística para que, fortalecidos na fé, sejam capazes de olhar os desafios da vida em família com misericordiosa abertura e disposição dialogal.

Referências bibliográficas

- ALVES, R. *Da Esperança*. Campinas: Papirus, 1987.
- ALVES, R. *O retorno e terno*. Campinas: Papirus, 1993.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- BOFF, L. *São José: a personificação do Pai*. Campinas: Verus, 2005.
- BOFF, L. *Mínima Sacramentalia*. Os sacramentos da vida e a vida dos Sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BOFF, L.; FREI BETTO. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BROWN, R. E. *O nascimento do Messias*. Comentário das narrativas de infância nos evangelhos de Mateus e Lucas. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CROSSAN, J. D.; REED, J. L. *Em busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DOLTO, F. *No jogo do desejo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- FRANCISCO, PP. “*Amoris Laetitia*. Sobre o amor na família”. Cidade do Vaticano: 18/03/2016. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em 29 de setembro de 2016.
- FRANCISCO, PP. “Discurso por ocasião da vigília de oração preparatória para o Sínodo sobre a Família”. Cidade do Vaticano: 04/10/2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141004_incontro-per-la-famiglia.html>. Acesso em 12 de março de 2015.

- INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MURILLO, B. E. “Sagrada Família del Pajarito”. Disponível em: <<http://www.artehistoria.com/v2/obras/905.htm>>. Acesso em 08 de junho de 2016.
- NOCKE, F.-J. “Doutrina Geral dos Sacramentos”. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 205-338.
- NOCKE, F.-J. “Doutrina Específica dos Sacramentos”. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de Dogmática*. Volume II. Petrópolis: Vozes, 2001, pp. 171-204
- PAGOLA, J. A. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SÍNODO DOS BISPOS. “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização” – *Relatio Synodi*. Cidade do Vaticano: 18/10/2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi-familia_po.html>. Acesso em 10 de março de 2015.

Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo

Professora no PPG em Ciências da Religião e na Faculdade de Teologia da
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas / SP – Brasil

E-mail: cecibm@puc-campinas.edu.br